

São Petersburgo

.....
A CIDADE QUE É UMA OBRA DE ARTE!

A brisa que chega pela janela convidava a respirar a cidade, o coração cultural do maior país do mundo, a Rússia. Localizada às margens do rio Neva, na entrada do Golfo da Finlândia, no Mar Báltico, Sampetersburgo já se chamou Petrogrado (1914-1924) e mais tarde Leningrado (1924-1991), tendo sido fundada por Pedro, O Grande, em 1703. Serviu de capital ao Império Russo por mais de duzentos anos mas, em 1918, a Revolução Bolchevista mudou-a para Moscovo, sendo hoje a quarta cidade da Europa – em território – atrás de Moscovo, Londres e Paris, contando com perto de cinco milhões de habitantes.

Texto Maria João Castro Fotos Pedro Sousa Dias





Começamos por Tallinn, a capital da Estónia, que é o destino perfeito para quem quer combinar os confortos de um mundo moderno, com a movimentada vida nocturna e as luxuosas aventuras com grande valor cultural em locais históricos.

O périplo urbano começa por um dos museus mais feéricos do mundo, o Hermitage e ao Palácio de Inverno, na praça homónima. Enquanto as horas se iluminam por entre as salas faustosas da corte czarista, a pintura russa e europeia e uma imensa Galeria de Retratos que esmaga, a manhã fecha-se e chove, lacrimejando a superfície dos vidros.

Não muito distante, a catedral de S. Isaac sobressai dos demais devido à sua cúpula áurea, que se avista de toda a cidade, e em cuja superfície foram usados cem quilos de folha de ouro. Porém, é o seu interior que desperta maior atenção: o nosso olhar focava-se no brilho cróceo, sob o fundo vermelho das gravuras da iconóstase, que se encontravam emolduradas por altas colunas de malaquite e lápis-lazúli. Há igualmente uma luz, refletida na prata dos candelabros, que enfatiza os pingos de cera lamuriando-se no silêncio religioso das imagens.

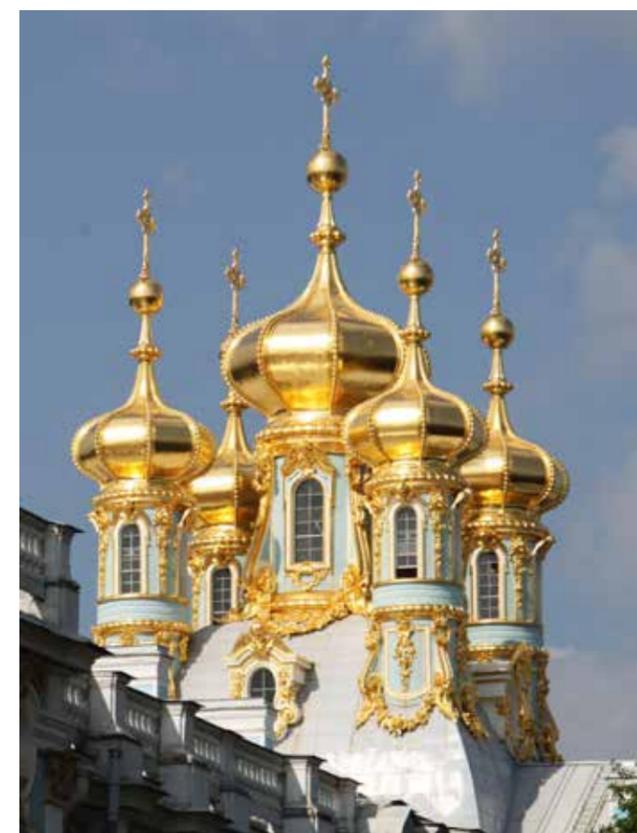
No exterior, o sol desavergonha-se atrás de uma nuvem e dou-rava o início da tarde; é precisamente essa claridade diáfana que me faz evocar a cidade de Noites Brancas, de Fédor Dostoievski, pois através dela quase consigo contemplar o seu herói, mergulhado numa trágica solidão, e o seu sonho, imitando a vida até se tornar nela. Esse gosto, delicado e fantasmagórico, que evoca o

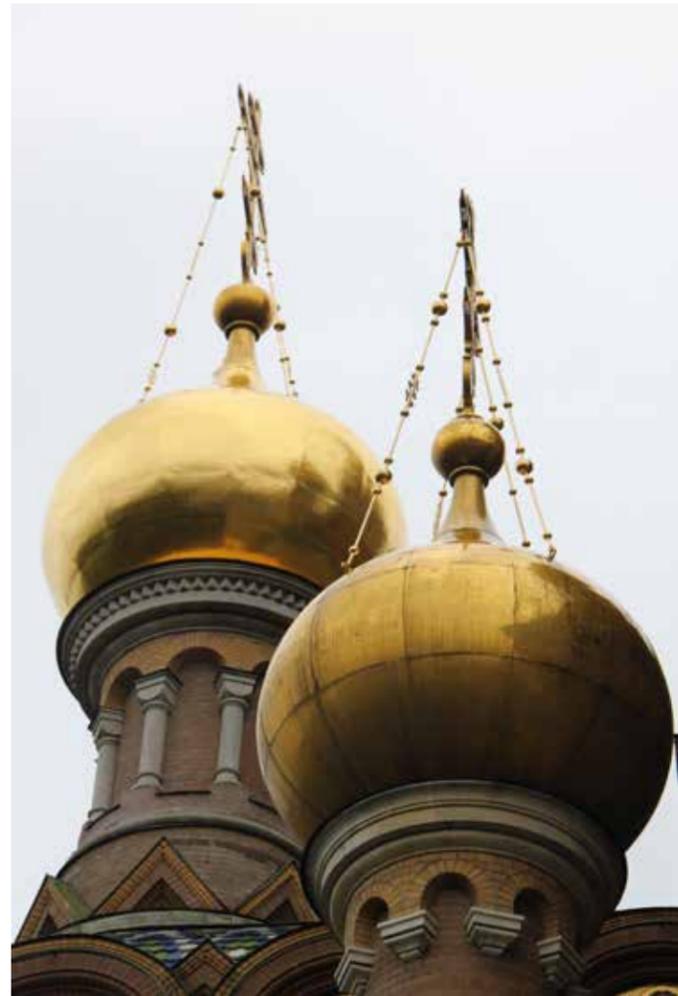
romantismo de uma época, estendeu-se à película homónima de Luchino Visconti, onde bailam o Sonhador e Nastenka e onde dança Dirk Sanders, o bailarino que trabalhou com Maurice Béjart e Roland Petit. A fita coloca em evidência o facto de que há encontros fortuitos e efémeros que marcam uma vida e que, sem dúvida, Sampetersburgo possui um cenário propício a essa fatalidade, devido à sua irreverência.

A urbe acotovela-se na azáfama do dia soalheiro, fazendo ferver as ruas de movimento e avultando a elegância das mulheres, de cima dos seus sapatos de salto alto e que caminham com um ar seguro que lhes acentua a beleza.

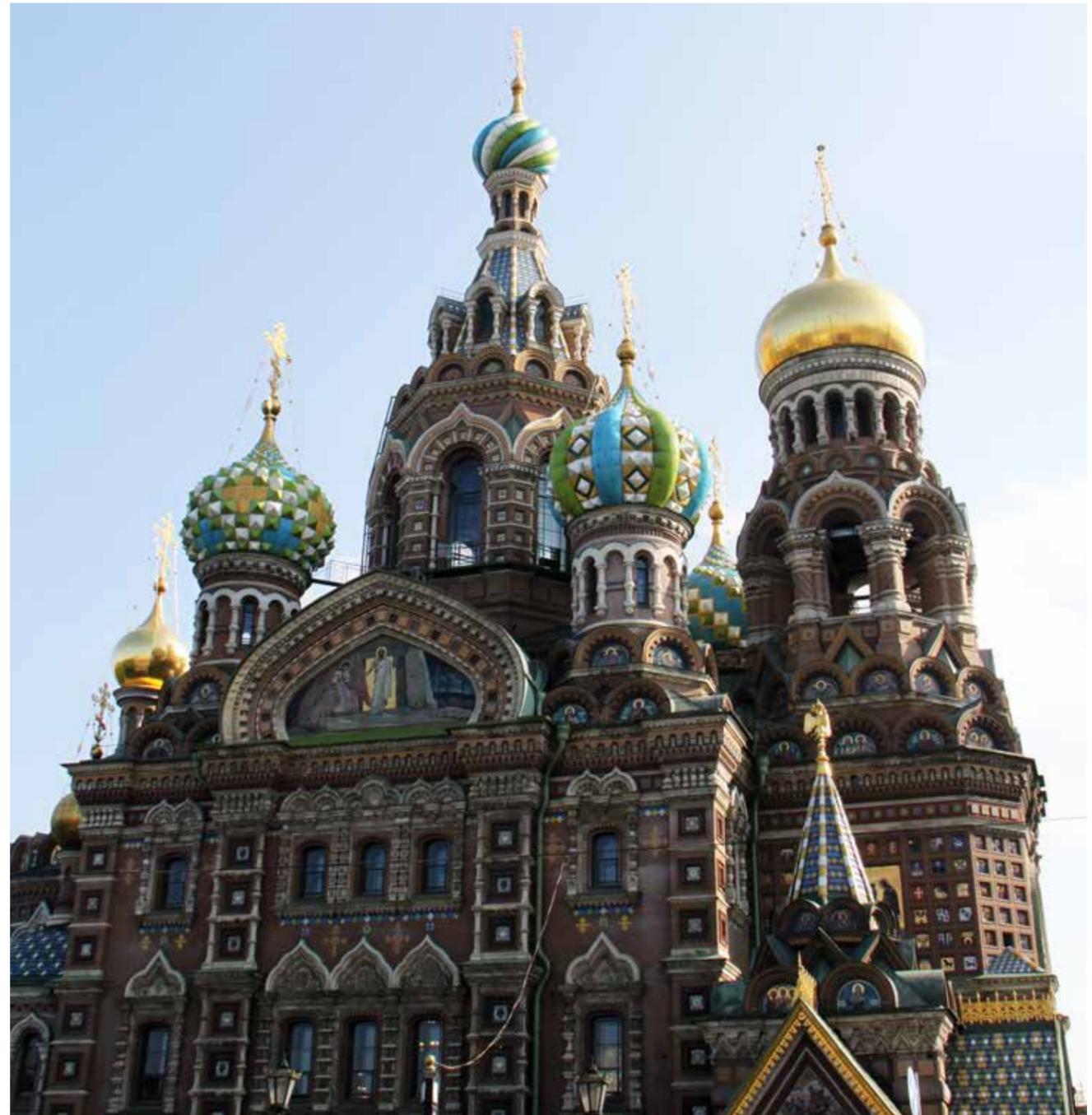
Depressa deixo de reparar nos habitantes para erguer a cabeça e atentar no património construído. Distingue-se nitidamente o Estilo Moderno da arquitetura sampetersburguense, movimento que, na Europa, correspondeu à Arte Nova surgida entre 1890 e 1900. A sua influência começou nas artes decorativas e reflectiu-se depois na arquitetura, onde originou uma proliferação de elementos que se distorcem em curvas inesperadas e arabescos miscigenados. Assim, agregando edifícios históricos e modernos, o clima que dela transparece é simultaneamente descontraído e caloroso, e é essa característica que provavelmente a torna tão hospitaleira.

O final da tarde encaminha-me para o célebre Mariinski, berço do ballet russo, e chamado Kirov nas décadas soviéticas e de onde saíram as primeiras estrelas dos Ballets Russes. Na verdade, a companhia de Serge Diaghilev, enquanto grande desfile artístico do século XX, foi a catalisadora do estreitamento da relação en-





(...) Igreja do Sangue Derramado. Criação de uma excessividade cromática que subjuga, este templo não tem rival na cidade.

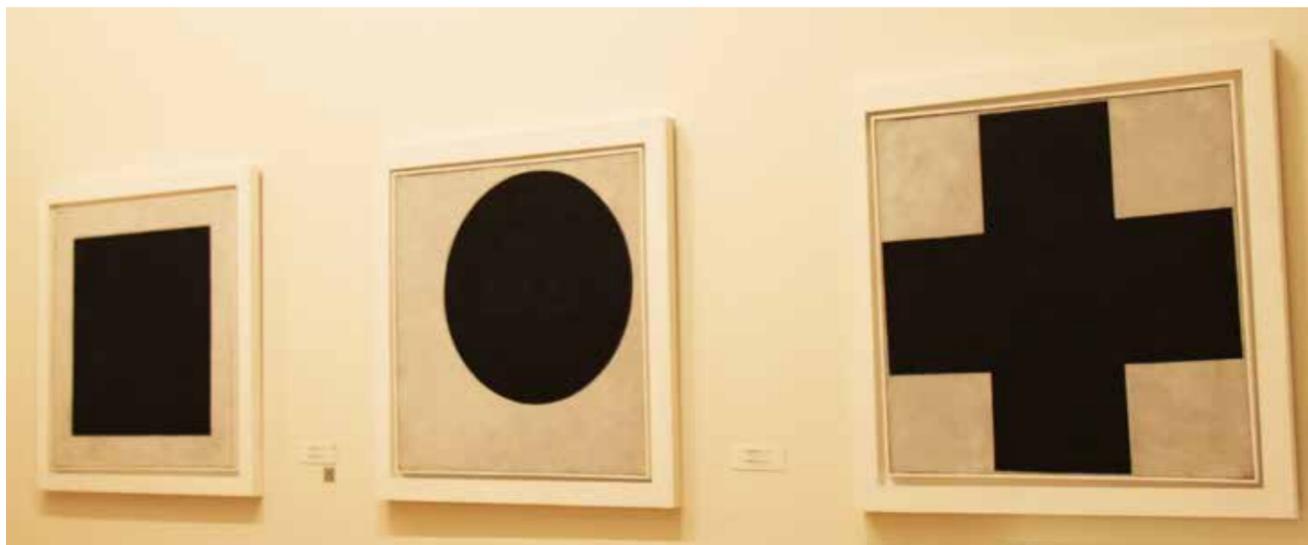


tre a dança e as artes plásticas. Mais tarde tornou-se num modelo mundialmente reproduzido, que reconfiguraria todo o cenário estético da dança mundial. É a ambiência desses anos dourados que procuro no foyer e nos corredores do teatro; a áurea de uma época fabulosa mas, por incapacidade ou desatenção, não vislumbro quaisquer resquícios e apenas afloro, por instantes, um certo élan quando abro a porta do camarote indicado no bilhete: Belle Étage.

O dia surge luminoso com o calor do estio a acompanhar a nova jornada urbana. A primeira paragem acontece na igreja do Sangue Derramado. Criação de uma excessividade cromática que subjuga, este templo não tem rival na cidade. O santuário ergue-se no local onde o czar Alexandre II foi assassinado, e é envolvido por sete mil metros quadrados de mosaicos que recobrem todas as paredes e colunas, onde imagens se recortam sobre um fundo azul-cobalto único.

Umhas dezenas de metros adiante, o Museu Russo insinua-se por detrás de um gradeamento monótono. Retenho A Onda, uma tela de Ivan Aivazovsky, que nos arrasta para o turbilhão de um mar fatídico, e, principalmente, Camponesa dançando, de Philipp Malyavin: neste quadro, o que salta aos nossos olhos, em primeiro lugar, é o brilho e a espessura das pinceladas a óleo que definem o rendilhado quadrangular; há depois o olhar da figura por cima do ombro e além do espectador, que o torna num enigma; vemos ainda a torrente de fogo que inunda toda a tela, pois a camponesa, com a sua roupa florida, parece rodopiar espalhando uma força primordial.



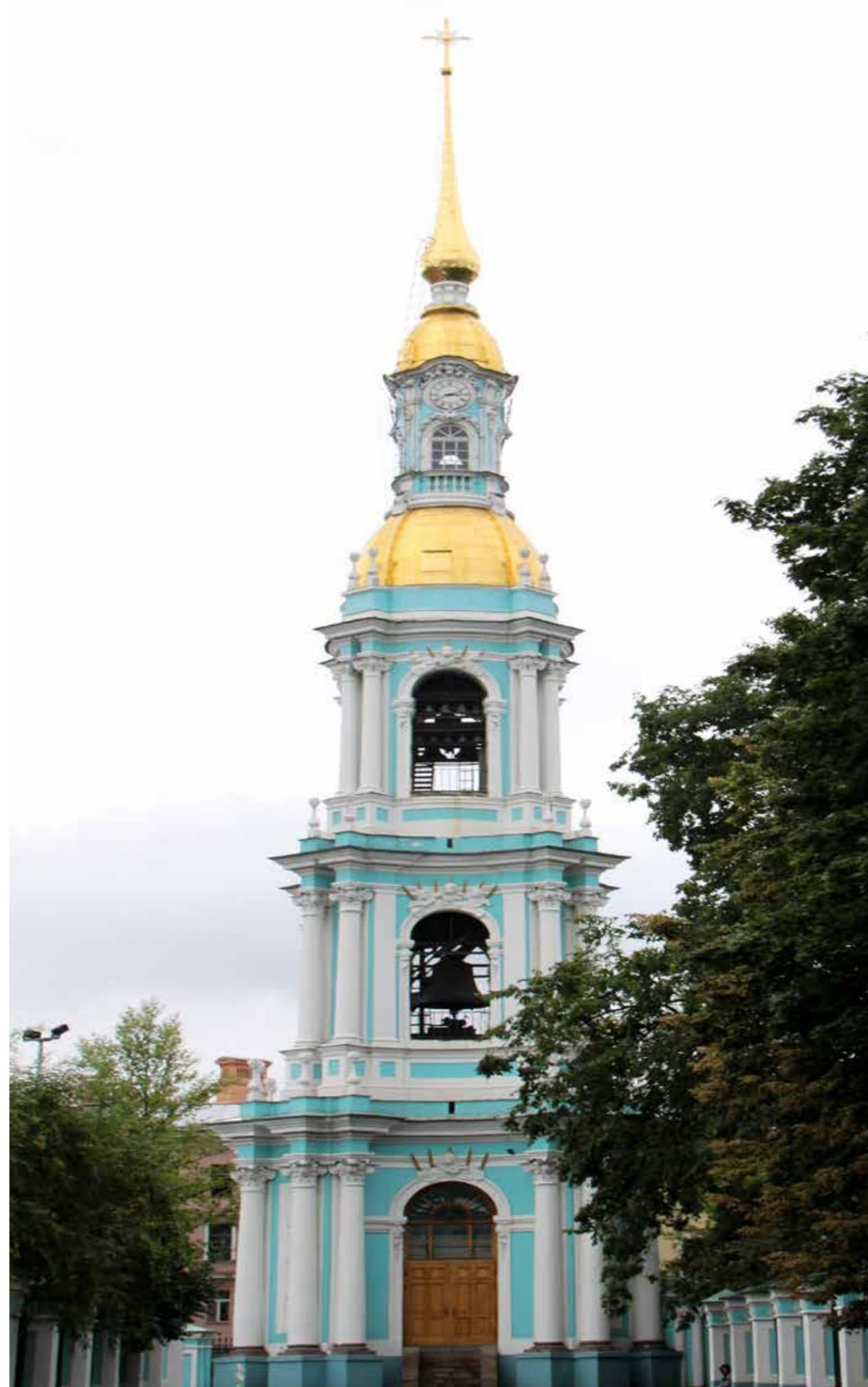


Terá sido essa energia o motor que fez misturar as tintas, personificando-as num tom vibrante, a quadrículas vermelhas e verdes, que escorrem para lá das flores da cauda do vestido e caem para fora da moldura, inundando o chão da sala. Há também o Quadrado Vermelho, de Kazimir Malevich, um quadrado que não é retângulo e Círculo Negro, a esfera que se ergue sobre a tela branca, em direção ao canto superior direito. Nestas obras, Malevich, o fundador do Suprematismo, levou o abstracionismo geométrico à sua condição mais simples, entendendo-se a sua obra como um discurso que marca a ruptura radical com a arte da sua época. Com efeito, a sumarização destas suas telas remete-nos para uma imagem-signo, interpretada a duas dimensões, que se isola na pureza da forma e da cor, e que constitui um exemplo de uma linguagem pictórica que se tornou num ícone do seu tempo.

É altura de percorrer a Nevsky Prospekt, uma avenida de “Grande Perspectiva” que, desde meados do século XVIII, comporta as principais atrações comerciais e turísticas da cidade, repleta de movimento e ação a qualquer hora do dia ou da noite. Porém, notaria

mais tarde que era ao crepúsculo que se abrihantava qual loja de ourives, irresistivelmente contemporânea e sedutora. Atravesso-a, abrindo caminho em direção à colonata curva, de 111 metros de extensão, que dá as boas-vindas à catedral de Nossa Senhora de Kazan. No interior decorre um casamento ortodoxo: as mulheres, de lenço atado ao pescoço, oferecem preces e acendem círios que se alaranjam e que recortam os degraus para o ambom, fazendo-o levitar sobre o soalho devoto.

Dou por mim a contemplar um dos canais de água da cidade, e a sentir o desejo de apanhar uma das embarcações de recreio que oferecem um passeio, a partir da perspectiva fluvial de um dos braços do Neva. A arquitetura imperial duplica-se nas águas e as explicações em russo, que não compreendo, compõem a banda sonora do cenário que flutua para lá do cruzeiro. Por entre as nuvens espessas, o grande astro faz incidir alguns raios sobre o lençol aquático, prateando-o. O percurso inclui uma passagem por baixo da ponte Dvortsovyi e alonga-se, passando pelo campanário da catedral de S. Pedro e S. Paulo que, com a sua agulha dourada de 122





A estada caminha para o fim. A cidade, amigável e desenfreada, é um sortido de estilos contradizendo-se com uma inquestionável elegância.

metros, é uma das mais altas da cidade. Adiante, a sóbria fachada barroca da Kunstammer – a Câmara de Arte – acentua a delicada torre-lanterna barroca, de cor verde-mar que se recorta da margem fluvial. Do outro lado, a fachada do Hermitage duplica-se sobre a água doce, esverdeando-a.

Quando a embarcação atraca, o vento arpeja a superfície do Neva, enrugando-lhe a face. A aragem do entardecer acende os elegantes candeeiros de ferro forjado da Nevsky Prospekt, ainda que a claridade do final do dia teime em permanecer em mais uma Noite Branca...

A estada caminha para o fim. A cidade, amigável e desenfreada, é um sortido de estilos contradizendo-se com uma inquestionável elegância, o que a faz integrar a minha lista de cidades preferidas, daquelas que, sem descurarem o seu desenvolvimento, mantêm acesas a chama de um eterno romance, pois é varrida por uma aragem tão bela quanto fictícia, facto que a eleva acima da matéria de que é feita... ●

 **Across** www.across.pt
Luxury Travel & Safaris

FOOD AND TRAVEL PORTUGAL REVISTA À VENDA EM TODO O PAÍS



FOOD
and
TRAVEL

viagens e comida que nos inspiram

foodandtravelportugal.pt